

Stadium

N.º 360
26 de Outubro de 1949
Preço: 2\$50



A glória do ciclismo nacional, José Maria Nicolau, ao lado do famoso italiano, com renome em todo o mundo, Gino Bartali, e do seu companheiro Corrieri, quando estes actuaram nas pistas de Alvalade. Na fotografia vê-se também João Rodrigues, simpático dirigente da secção ciclista do Futebol Clube do Porto

João Lourenço

declarou à «Stadium» abandonar as provas de estrada, onde apenas irá, de quando em quando, matar saudades

NO Estádio «José Alvalade», realizou-se na passada quarta-feira uma festa de homenagem ao ciclista leonino João Lourenço, sem dúvida um dos elementos mais brilhantes da velocipedia nacional dos últimos dez anos.

Não queremos deixar passar o acontecimento sem que o registemos nas nossas colunas, dando-lhe o realce a que a carreira desportiva de João Lourenço tem jus.

De facto, do seu «palmarés» de campeão, fazem parte triunfos valiosos que o classificam como «az» e dos quais se torna impossível, tanto são, dar conta aos leitores.

Bastará recordar alguns para se reconhecer que João Lourenço ocupou, desde 1939, um lugar de relevo, quer como corredor de fundo, quer como especialista em provas de velocidade. Possuidor de inegáveis qualidades João Lourenço foi grande na estrada e grande na pista vincando, tanto num lado como no outro, o seu valor de velocipedista.

Julgámo-nos curiosos ouvir o corredor do Sporting, no momento em que se lhe prestou tão justa homenagem, recolhendo as opiniões de um homem que serviu bem o desporto nacional e que foi dos poucos que, em dez anos de pugnas desportivas, nunca pensou sequer em mudar de clube. O amor à camisola verde-branca demonstrou-o ele em toda a sua carreira e este breve apontamento é, quanto a nós, digno de nota, nos tempos que vão correndo.

Na rápida conversa que mantivemos com Lourenço, ouvimo-lo falar de alguns dos seus triunfos com saudade, apesar da modéstia com que os referiu. Vieram à baila as suas vitórias nos Campeonatos Distritais e Nacionais

de Fundo e de Velocidade, em vários anos; no Lisboa-Caldas-Lisboa, Lisboa-Peniche-Lisboa e Giro do Minho, em 1940; no Circuito da Mealhada, em 1942 e na Volta a Lisboa de 1943; no Lisboa-Azambuja-Lisboa, Circuitos do Oeste, da Bairrada e da Alemquer, em 1945, e ainda no Lisboa-Santarem-Lisboa, disputado no mesmo ano.

Mas ouçamos João Lourenço. Têm interesse as suas declarações recolhidas no fim de uma carreira particularmente movimentada e brilhante.

— Diga-nos, Lourenço: a sua festa pode considerar-se de homenagem ou de despedida?

O nosso entrevistado, com um sorriso triste, responde-nos.

— Pode, praticamente, considerar-se como uma despedida, principalmente na parte que diz respeito a provas de estrada, onde apenas poderei comparecer em «coisas leves». Continuarei, no entanto, a dar o meu concurso à equipa do meu clube nas provas de pista, enquanto «tiver pernas» e reconheça precisarem de mim.

— Nos seus vinte anos de ciclista quantos clubes representou?

— Dois apenas. Fui com 12 anos para Marrocos e ali iniciei a minha carreira de estradista representando o Moto Clube de Rabat. De regresso ao meu País, em 1939, enverguei a camisola do Sporting que não mais troquei por nenhuma.

— De todas as suas vitórias, quais as que mais fortemente o impressionaram?

João Lourenço concentra-se, pensa um pouco e diz-nos:

— É difícil escolher uma entre tantas. Deixe-me que lhe diga que ainda não esqueci as que obtive no Circuito do Oeste, e as quatro que em 1942 me deram os títulos de campeão regional de fundo e velocidade e campeão nacional das mesmas modalidades.

— Quatro campeonatos num ano...

— Julgo ser caso único no ciclismo nacional — diz nos João Lourenço, sem esconder o seu agrado. Quero, no entanto, referir ainda o 6.º lugar que obtive na Volta à Catalunha, que, com um pouco de sorte, poderia ter sido um 3.º Cito este facto atendendo às péssimas condições em que corremos, eu e os meus companheiros de equipa, Inácio, Mourão e Aristides. Não tivemos qualquer apoio. Apenas nos acompanhou Armando Rodrigues, como dirigente da secção de ciclismo do Sporting — um homem e um amigo que nunca me desacompanhou durante a minha vida de ciclista e a quem devo inúmeros favores que não mais esquecerei. Todavia, na citada Volta, ele não nos podia acompanhar como de-



João Lourenço

sejaria porque, viajando num dos carros da organização, chegava sempre à meta muito depois de nós lá estarmos... Não foi uma vitória, foi um 6.º lugar, mas nas condições em que corriamos, e em luta com Trueba, Sanchez e tantos outros, classifiquei a minha posição como sendo uma boa vitória.

«Também recordo com saudade, o triunfo que alcancei na 1.ª etapa da Volta a Marrocos, em 1939, o qual deu lugar a que o crítico do «Miroir des Sports» me chamasse «português com asas do diabo».

Falou-se depois das Voltas a Portugal e o nosso entrevistado, que prefere as provas contra-relógio, a quaisquer outras, diz-nos:

— Sempre gostei de disputar a Volta a Portugal, apesar de muita gente não me dar valor como «voltaísta». Não era, no entanto, esta a opinião do meu antigo «manager» Ives Le Seck, outro homem a quem muito devo. Guardo todavia de uma das Voltas, uma das minhas páginas negras. Refiro-me à queda desastrosa que dei, em Monsanto, quando vertiginosamente me lançara numa descida.

Ia em 3.º lugar da classificação. O trambulhão, a 70 quilómetros à hora, deixou-me tão maltratado que tive que regressar imediatamente a Lisboa, perdendo todas as ilusões.

A conversa mudou de rumo e no decorrer do diálogo surgiram nele os ciclistas estrangeiros. Falou-se dos prós e dos contras da sua permanência em Portugal e João Lourenço afirma-nos:

— Só a falta de valores nacionais levou o Sporting a contratar ciclistas estrangeiros para formar uma equipa à altura do seu nome e das suas tradições.

— Considerou útil a sua permanência entre nós?

— Confesso que não. Não nos ensinaram nada, ao contrário do que muitíssima gente poderá supor, limitando-se apenas a fazer valer a boa qualidade do material que empregavam. De resto, tudo o que sei devo-o a mim próprio, nunca ninguém me ensinou nada desde 1939.

— Dos corredores estrangeiros que estiveram em Portugal qual o que mais lhe agradou?

— Fazzio, acima de qualquer

Ano VII — II Série — N.º 860
Lisboa, 25 de Outubro de 1949

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone, 31187 - LISBOA

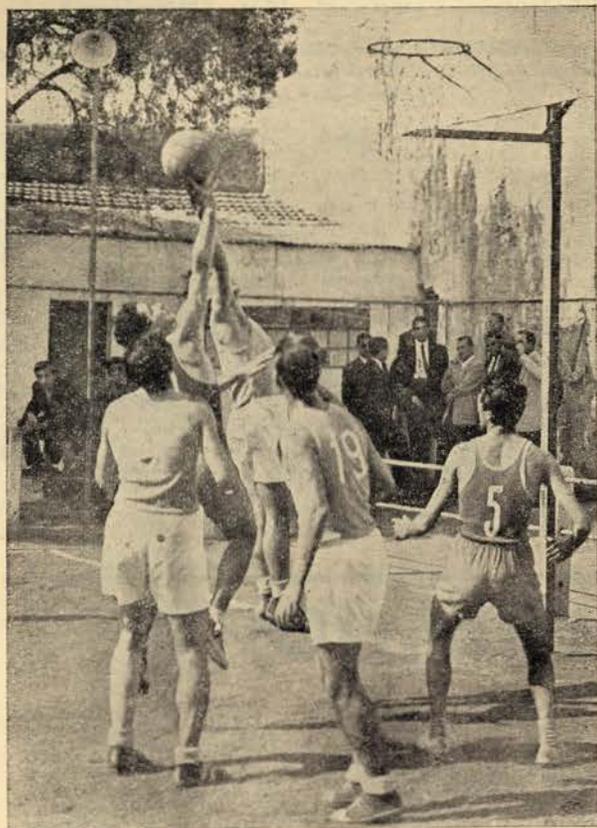
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A nova época do basquetebol



A abertura da época de basquetebol põe em movimento todos os grupos — e muitos são! — que praticam a modalidade. Em Lisboa, aos domingos de manhã, nos vários campos espalhados pela cidade, o basquetebol constitui um desporto que atrai grande número de adeptos — praticantes e entusiastas do desporto da bola ao cesto

outro. É um ciclista de 1.º plano, com grandes qualidades para evoluir.

— E dos nossos — inquirimos. — Para mim, o melhor da actualidade ainda é o «velho» José Martins, apesar dos seus 32 anos já pesarem na balança. No Porto devo destacar Fernando Moreira e Dias Santos, o primeiro em boa forma, o segundo, menos regular. Mas que diferença todos nós fazemos de Ezequiel Lino, Ildefonso, Meslha, Trindade e José Maria Nicolau...

Ciclistas como estes, não há nenhum presentemente — diz-nos a reforçar o seu pensamento.

— O João Lourenço ainda é detentor de recordes?

— Dos 50 quilómetros em 1 h. 16 m. (Marrocos) e o dos 100 em 2 h. 33 m. 43 s., este, em Portugal.

O nosso entrevistado que nasceu em Silves, não parece algarvio. Fala pouco, evitando dizer tudo o que possa parecer auto-elogio. A sua modéstia prejudicou até um pouco a entrevista e nem todas as perguntas tiveram resposta. João Lourenço ladeou algumas, furtando-se, modestamente, a responder a outras.

A última impunha-se e, para

finalizar, inquirimos porque resolvera abandonar as provas de estrada. O olhar de Lourenço entristece subitamente e declara:

— É a altura! Estou com 32 anos de idade e cerca de 20 de ciclista, nos quais disputei provas duríssimas, sem nunca me furtar à luta. O tempo não perdoa e as pernas começam a faltar-nos. De resto, os acidentes que, de momento parecem sanados, fazem sentir, alguns anos decorridos, os seus efeitos. Deixamos então de poder dar o rendimento que desejamos, e o fim aproxima-se. Sair a tempo é uma virtude. Faço-o, todavia, com saúde e sempre que possa ir à estrada matar essa saudade.

Eis o que nos disse João Lourenço o «sprinter» famoso que na noite da sua festa arrebatou mais uma vez o título de Campeão Regional de Velocidade.

Bem mereceu a homenagem que o Sporting lhe prestou, testemunhando-lhe a sua simpatia e a sua gratidão. A ela se associou o público que o aplaudiu com sincero entusiasmo.

ANTAS TEIXEIRA

LEITORES ATENÇÃO!!

Nova iniciativa da Stadium

que continua a sua
tradição, lançando uma

Série de grandes reportagens gráficas

durante o período do cam-
peonato nacional de futebol.

Catorze separatas a cores

formato grande

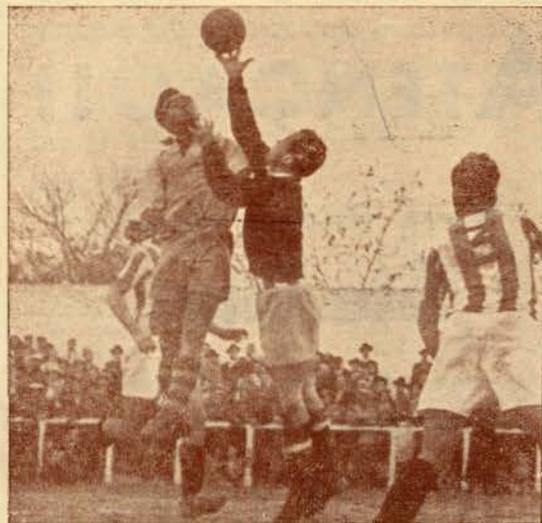
das equipas dos clubes
que jogam na 1.ª Divisão.

Todos os meses uma ou
mais separatas a cores.

Uma colecção que interessa
a todos e que a STADIUM ofe-
rece sem aumento de preço

Comprem a
Stadium

SETUBAL, 5 - ESTORIL, 5



Duas intervenções de Carvalho, guarda-redes do Vitória de Setúbal — *A' esquerda, antecipando-se a Mola, a defesa resulta eficaz; à direita, o 3.º golo do Estoril não é evitado!*



PORTO, 8 - LUSITANO, 2



E o Porto marca, com brilho, o oitavo golo!



Baptista, ponta direita do F. C. P., passa a defesa adversária; porém, a bola encontra a trave...



O guarda-redes do Lusitano, em dificuldade e como recurso, envia a bola para fora.



Vieira, o extremo-esquerdo portuense, quer rematar mas não chega a tempo...

NATAÇÃO

O festival de encerramento

A PÓS seis meses de intensa actividade terminou, no domingo, a temporada natalícia de 1949, com o já tradicional «Festival de Encerramento» organizado pela Federação Portuguesa. E terminou, quanto a resultados técnicos, da melhor forma possível: com a queda de dois recordes.

Como espectáculo, o festival da



Fernanda Maria da Silveira Cunha, gentil nadadora do Algés e Dafundo, apossou-se do mínimo dos 100 metros-bruços, principiantes, um dos recordes de Rosa Lopes, que datava de 1943

F. P. N. fol, realmente, prejudicado pela chuva, que afastou concorrentes e público. Mas as novas marcas de Eduardo Murta Barbeiro e de Fernanda da Silveira Cunha ficam a valorizá-lo de maneira eloquente, a par da comparsa de cinco colectividades: Algés, Nacional, Barreirense, Adicense e Estoril Praia.

As honras do festival vão, sem dúvida, para Eduardo Barbeiro, pelo seu novo recorde dos 200 metros-bruços, principiantes: 3 m. 7 s. Com regularidade notável — pois ainda no dia 5 do corrente, o referido recorde havia sido melhorado — Eduardo Barbeiro correu, da melhor maneira, uma temporada brilhantíssima.

Registe-se, no entanto, a apreciável marca de Arnaldo Santiago: 3 m. 18,2 s.

A outra proeza de vulto, coube a Fernanda Cunha, fixando em 1 m. 44,7 s. o novo recorde dos 100 metros-bruços, senhoras, principiantes. O anterior — 1 m. 44,9 s. — pertencia a Rosa Lopes e datava de 1-8-43.

Nas restantes provas assinala-se o bom percurso de Fernando Madeira, nos 200 metros-livres, coberto em 2 m. 32,5 s., e a corrida de José Inácio Borja que, à vontade, nos 100 metros-costas, se creditou de marca regular: 1 m. 19 s.

As senhoras disputaram mais duas provas: 100 metros-costas e 100 metros-livres. A primeira, muito bem ganha por Regina Denis Mendes (1 m. 42,6 s.); e a segunda, teve como única concorrente a estorilista Odete Nobre (1 m. 39 s.).

Três estafetas para «infantis» completaram o programa, nas quais o Algés e Dafundo marcou franca superioridade.

E assim terminou mais uma época de natação. Uma época intensa de actividade e de movimentação de nadadores, que apresentou facetas curiosíssimas, que teve a caracterizá-la uma série de organizações de vulto e que marcou uma época importante no progresso da modalidade, mormente no que toca à camada jovem, onde a queda de recordes foi eloquentemente expressiva.

ABREU TORRES



Ao chegar a Lisboa, Bartali deixa-se fotografar na companhia de sua esposa, tendo ao lado o treinador do B-lenenses, Rino Marini. Na fotografia vê-se conhecidos técnicos da especialidade e jornalistas

GINO BARTALI veio a Lisboa

Gino Bartali, italiano, é um corredor de fama mundial. As suas proezas na «Volta a França», comentadas em numerosos jornais, tornaram-no conhecido e discutido em toda a parte.

Pois Gino Bartali veio agora a Portugal — e correu em Lisboa, no sábado passado. A sua presença na pista do Lumiar bastou para um recorde — a maior enchente, no antigo «Stadium de Lisboa», em festivais de ciclismo. Foi bonito — e é de desejar que seja utilíssimo.

Gino Bartali não se dedica a provas de pista. Mas é grande em tudo — até na sua modestia. O público recebeu-o com galheria. E soube dar palmas quando ele e Corrieri, seu companheiro de equipas, mais corredor de pista que o «Monge», se distinguiram, sobretudo nas lutas para os primeiros lugares nos «sprints», dando ambos, principalmente, a impressão de notável poder de velocidade.

Entraram ambos em duas provas:

num «ciclético» de 30 voltas, e numa «americana» de uma hora.

Na primeira, triunfou Félix Bermudez, do Sporting; mas Corrieri e Bartali ficaram nos lugares imediatos, seguidos por José Martins, do Benfica, e Dias Santos, do Futebol Clube do Porto. A «americana» proporcionou um triunfo brilhantíssimo para o duo italiano, distinguindo-se todavia Corrieri, magnífico no ataque final de todos os «sprints», vencedor de quatro delas a segundo no único em que não triunfou, o primeiro, bem ganho por Imério. A equipa A do Benfica, com Império e José Martins, deu boa réplica, classificando-se em segundo lugar, com o mesmo número de voltas (91), e apenas na diferença de 12 pontos. Seguiram-se, na classificação: Porto (91-15), Louletano (91-14) e Sporting A (91-12).

Em resumo, podemos dizer, ainda, que o festival de Bartali decorreu com brilhantismo, constituindo excelente jornada de propaganda para o ciclismo.



O grupo dos ciclistas que tomaram parte no festival levado a cabo na noite de sábado nas pistas do Alvalade

ARCADIA DANCING DE LUXO

Hoje e todas as noites Apresenta o melhor e mais categorizado programa de variedades internacionais A CELEBRE ORQUESTRA ESPANHOLA RIO CLUB

GRANDIOSO TRIUNFO DAS NOTÁVEIS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS AS MAIS ELEGANTES BAILARINAS DO MUNDO RIBER E DANTZER

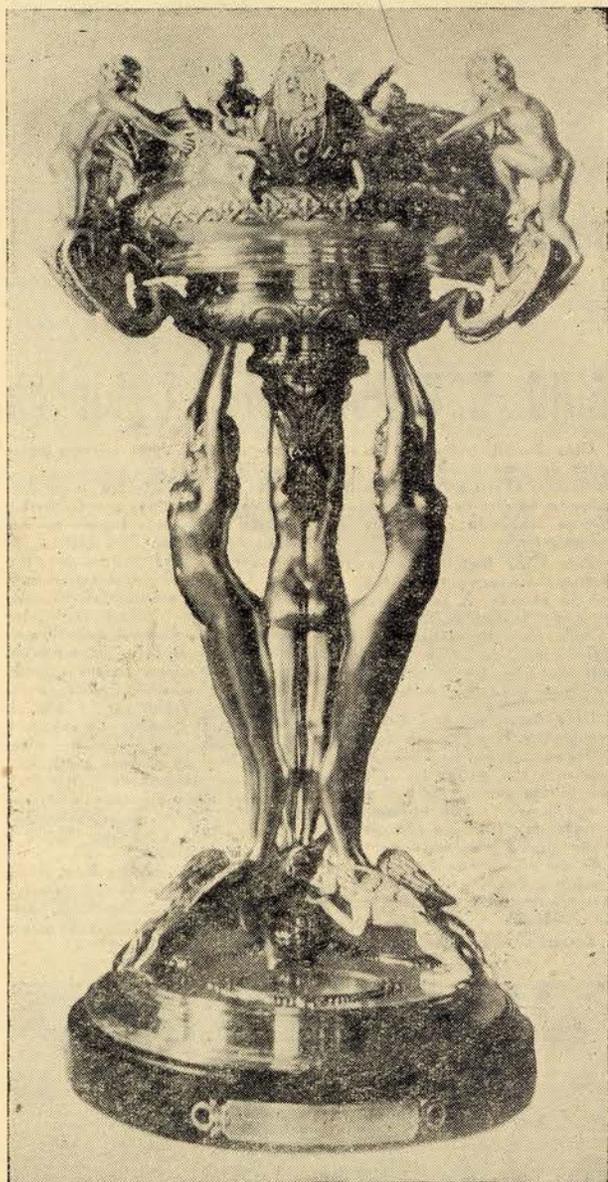
O GRACIOSO BALLET INTERNACIONAL SACHA GOUDINE

PARELHA DE BAILE CASTIÇO ESPANHOL OLYPIA Y RAGA

Nicole Blanchery ♦ Mary Mily ♦ Robe Mary ♦ Mabel Valencia ♦ Sara Seny ♦ Ballet Sevilla

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista JULIETA RODRIGUES

O melhor programa de variedades de Lisboa exhibe-se às 0,15 e 2,30 horas



Como se sabe, o F. C. do Porto ganhou ao Arsenal de Londres, em 6 de Maio de 1948 no Estádio do Lima e o resultado teve a sua retumbância em todo o País. Até no Estrangeiro. Os portugueses, amigos da sua colectividade, contentíssimos com o resultado impressionante, resolveu oferecer aos campeões um troféu grandioso, a Taça Vitória. A cerimónia da entrega foi feita na última sexta-feira, na presença das autoridades civis e militares, sócios categorizados da colectividade, Imprensa, etc. A valiosa «Taça» estava coberta pelas bandeiras nacionais, de Portugal e Inglaterra, do Arsenal e do F. C. do Porto, e o acto revestiu-se de uma solenidade que será recordada pelos tempos fora. A galeria de troféus do F. C. do Porto ficou enriquecida. A «Taça» que uma Comissão de sócios ofertou à primeira colectividade nortenha, alem de lembrar um triunfo de grande categoria, coloca na sala de taças um monumento. Vale a pena ver. Não sabemos, mesmo, se em qualquer parte do Mundo existe joia de tamanho vulto. Um trabalho de essência artística, mais do que troféu, um verdadeiro monumento que honra a conhecida «Ouvriversaria Aliança», do Porto, com sucursal em Lisboa, na Chiado, em cujas oficinas foi o trabalho executado.

Palavras de Bartali

CONVERSAMOS com Bartali. O célebre «monge voador», recebido na sede do F. C. do Porto, assim como o seu camarada Corrieri e Atilio Lambertini, não se negou a conversar com os jornalistas, cedendo autógrafos com facilidade e tendo para todos palavras de simpatia.

Bartali, de facto autêntico sosia do português José Martins, é uma pessoa de maneiras elegantes, sorridente, sempre pronto a dar uma gargalhada amiga. Gino Bartali está habituadíssimo a conversar com a gente do desporto. Que está habituadíssimo aos microfones. Vimo-lo, por exemplo, ao microfone da Emissora Nacional absolutamente seguro do que ia dizer, sem pressas ou atrapalhadas.

Quando nos dirigimos ao «monge voador», reparou imediatamente que estava em presença de um homem dos jornais. Denunciou o seu pensamento da seguinte maneira:

— Pouco direi de novo... Já são conhecidas as minhas ideias, com certeza, tanto que alguns admiradores portugueses leram as minhas memórias...

— Pois sim. Bartali é conhecido do nosso público através dos jornais e revistas desportivas portuguesas e estrangeiras. Mas há perguntas que talvez lhe não tivessem feito ainda.

— Talvez. Pode perguntar, nesse caso.

— Sei que já foi ao Estádio do Lima, a fim de ver a pista. Que impressão colheu?

Bartali, quando o entrevistámos, ainda se não havia apresentado ao nosso público. Pareceu-nos por isso que tinha certa dificuldade em responder. Uma questão de delicadeza.

Insistimos. Poderia não ter compreendido bem...

— Fica um pouco à distância das pistas de categoria. Sei que os portugueses gostam do ciclismo, mas não tem uma pista que valorisasse os espectáculo velocipedicos. Eu não sou muito exigente, claro está. Antes quero uma boa estrada.

— Coppi?

— Um grande corredor. Na pista, como na estrada. Coppi é inconfundível. Como ele também se apresentará no Porto, vai ver se é assim ou não.

— Conhece o ciclismo português?

— Eu não. Mas Atilio Lambertini, um bom corredor italiano, representante do F. C. do Porto na última «Volta», falou-me com entusiasmo de alguns estradistas, especialmente de Fernando Moreira.

— Os desportistas portugueses gostariam de o ver na «Volta a Portugal». Que diz o Bartali?

— Se as dalas se não «agredissem», pois «Volta à França» ou «Volta à Itália» são utilíssimas, sob todos os aspectos, para um ciclista profissional, também gostaria de estar presente. Parece que Atilio Lambertini, pelo menos, se deu o melhor possível no F. C. do Porto. Tanto que tratou da minha visita e de Coppi.

— Corrieri é o seu colega de equipa ideal?

— E' sim senhor. Trata-se de um belo «pistard», sendo ainda duro na estrada. Na última «Volta à França» ganhou duas etapas.

Gino Bartali não parece «velho». A sua «juventude» está bem à vista. Dissemos-lho. Logo atalhou, sorridente:

— Tenho 36 anos.

— E andarà ainda muitos quilómetros?

— Calculo que sim. Cuido bastante da minha vida, da minha forma. Não me será difícil prosseguir nesta carreira de velocipedista.

— Mas velocipedista extraordinário.

— Os portugueses são muito amáveis.

De vez em quando, a nossa conversa era interrompida com



Gino Bartali falando ao microfone, na sede do do F. C. do Porto onde recebeu as boas vindas, junto dele Couvrier, seu companheiro, com quem forma equipa, Lambertini o corredor que representou o F. C. P. na última Volta a Portugal, directores do Clube e jornalistas

O Clube de Ténis de Oeiras

e as suas classes de infantis

SIMPATÍQUÍSSIMA — e de uma utilidade que se torna ocoso encarecer, a iniciativa do Clube de Ténis de Oeiras, por outra, do nosso amigo e incansável propagandista da modalidade sr. eng.º Mário, Meunier, pois foi ele, sem dúvida, a semente da organização; e que se tratava de obra útil (e em pról do ténis) ficou amplamente demonstrado — conforme os benefícios colhidos por duas dúzias de meninas e rapazes, entre os 12 e 16 anos, que ali receberam instrução do professor Vasco Galvão. Na realidade, a escola que funcionou em Oeiras, constituiu, a par de uma «novidade» para o meio português, um excelente indicativo da boa vontade do eng.º Meunier, que à modalidade ténística tem prestado assinaláveis serviços; e contribuiu, ao mesmo tempo, para demonstrar como ainda se trabalha nalguns clubes!

As classes instituídas pelo grémio oerense, destinadas simplesmente a infantis, tiveram o bom êxito que a iniciativa merecia — pelo que está de parabéns o clube organizador.

As classes, para melhor aproveitamento das lições, foram divididas, consoante a idade dos alunos, em três grupos distintos, assim formados: **Meninas** — Maria do Rosário Moita, Sibila Castanha, Simone Galvão e Wanda Pinho (A); Cabriela Almeida e Silva, Joana Gonçalves, Lídia Almeida e Silva, Maria da Luz Valente Pereira e Maria Margarida Barros Pereira (B); e Viviane Meunier (C). **Rapazes** — Henriques Paiva Couceiro, José Jorge Mendonça, Nuno Morbey Afonso e Pedro Castelo Branco (A); Armando Monteiro de Barros, Francisco José Fragoso, José Manuel Martins Dias, Manuel Malheiros Alegria, Pedro Caldeira Ordaz e Pedro Valente Pereira (B); António João Moita, Carlos Fragoso Garnel, Eurico Burgete e Miguel Castanha (C). Destes 24 alunos,

por demonstrarem melhor aproveitamento e aplicação, passaram à turma imediata os cinco seguintes: A. J. Moita (13 anos), Carlos Garnel (15), Eurico Burgete (15), Maria Margarida (16) e Viviana (também de 16 anos). A última é filha do eng.º Meunier — e, se sair ao pai, pode muito bem vir a ser «alguém» no ténis nacional, onde os autênticos valores podem contar-se pelos dedos...

No festival de encerramento, a que assistiram os srs. coronel Sacramento Monteiro, director geral dos Desportos, dr. Ayala Boto, inspector da modalidade, José António Gonçalves, vice-presidente da F. P. Ténis, e capitão Manuel Cocato, da Câmara Municipal de Oeiras, o professor Vasco Galvão fez «trabalhar» — com agrado absoluto — todos os seus discípulos, e, por último, fez (ele próprio) uma demonstração do complexo jogo de «paradas» e «golpes» em que o chamado **desporto branco** é assás fértil, apresentando, antes disso, um aluno-extra — Manuel Miguel da Costa, de 14 anos, cuja exibição a assistência seguiu com interesse.

O sr. coronel Sacramento Monteiro, ao despedir-se dos directores do Clube de Ténis de Oeiras, significou-lhes o seu apreço pela iniciativa e prometeu auxiliá-la na medida do possível; e se isso se tornar um facto, pois pretende-se que as aulas prossigam, duas vezes por semana, no Pavilhão dos Desportos, pode e deve ser de uma valiosa e grande utilidade para a propaganda e desenvolvimento do ténis em Portugal. Uma coisa, porém, ficou já amplamente demonstrada: é que a ideia posta em prática pelo grémio de Oeiras conseguiu movimentar e interessar duas dúzias de meninas e rapazes adeptos e cultores da modalidade — que serão os jogadores de amanhã.

JORGE MONTEIRO

uma apresentação. Na séde do F. C. do Porto estava presente, por exemplo, o pequeno Onofre Tavares, que é campeão nacional de velocidade. Apresentaram-no a Gino Bartali. O «místico» olhou para Onofre de alto a baixo, talvez com vontade de dizer: «Tão pequenino?» Mas não o disse. Cumprimentou Onofre Tavares com muita simpatia, dizendo-lhe:

— Então, logo, seremos adversários?

O antigo e futuro corredor do F. C. do Porto, um pouco triste, responde:

— Infelizmente não pode ser. Não estou ainda autorizado superiormente a correr. Só lá para Novembro poderei correr pelo F. C. do Porto. Até lá representarei o Benfica.

Bartali, por certo, não compreende «estas coisas» de Portugal. Não valia a pena, por tanto, dar-lhe outras explicações, e mudamos de assunto, para encerrar a entrevista:

— Sabe que vai correr a Lisboa, a nossa Capital?

— O F. C. do Porto já me avisou disso. Não me desagrada. Lisboa, segundo me dizem, é uma cidade bonita.

Confirmámos. Dissemos-lhe até: «Lisboa é das cidades mais lindas do Mundo!»

— Bartali sorriu, sem gargalhar. Pensou por certo na sua doce cidade de Roma, na sua Itália distante. E disse num assomo de simpatia:

— Terei muito prazer em confirmar a sua opinião.

— Eram horas de se retirar. Corrirei queixava-se de sono. Bartali fez-lhe uma festa, que queria dizer: — «e eu também...»

RODRIGUES TELES

CICLISMO

Festival de homenagem a João Lourenço

O festival de homenagem a João Lourenço ressentiu-se, claramente, da série de adiamentos que a precedeu. De umas vezes, pelo mau estado do tempo, noutra por doença do corredor, o certo é que se quebrou a cadência de reclamo e entusiasmo que provocou a princípio. Criou-se, de algum modo, a impressão de que podia surgir ainda nova dificuldade. A festa não foi, por isso, o que podia e devia ser, pela carreira brilhantíssima de João Lourenço — em valor como ciclista e em espírito de dedicação pelo clube. João Lourenço soube despertar simpatias gerais — pelo seu valor e seu apuro. Tem sido um desportista na melhor acção do termo. Por tudo isto, podia ter sido mais feliz.

A sua festa não teve o esplendor a que se poderia esperar, noutras circunstâncias. Mas foi bonita e agradável — para João Lourenço e para quem a ele assistiu. Na noite de quarta-feira, um tanto fria de temperatura, houve ainda calor, mais de uma vez, em palmas e em entusiasmo. João Lourenço, que podia tê-las despertado apenas ao preito de justiça ao seu valor, mereceu-as também pela forma como se bateu e triunfou.

Houve palmas, quando ele entrou na pista, para uma despedida que deve atardar-se um pouco; quando ele deu a volta de honra ao campo levando na sua frente, num pequeno triciclo, amparado pelo seu carinho de pai, um filhito de quatro anos incompletos; e, sobretudo, quando se procedeu à cerimónia simbólica da homenagem do clube e do público, pelo que ele fez em dez anos de corredor em Lisboa.

Mas as palmas foram mais vibrantes, houve mais entusiasmo, na marcha das vitórias de João Lourenço no campeonato regional de velocidade, e nos diversos «prints» da «americana». Se o festival fosse de facto de despedida, João Lourenço teria fechado a sua carreira em maré alta de valor e prestígio — dando ao seu clube mais um título de campeão regional, e cooperando numa vitória após algumas derrotas em «americanas».

Na altura da homenagem, o sr. dr. Ribeiro Ferreira, presidente da direcção do Sporting, pronunciou um discurso de elogio e saudação para João Lourenço, que serviu também de agradecimento às entidades e pessoas que colaboraram na festa; João Lourenço distribuiu medalhas pelos ciclistas que tomaram partes nas provas e por directores da Federação, da Associação do Sul e delegados dos clubes conecorrentes (Benfica e Louletano) e

Educação física e ginástica

A definição do que deve entender-se por educação física conjunção-se por vezes, com o significado da ginástica, apresentando, como equivalentes, coisas que são, afinal, um todo a primeira, uma das suas parcelas a segunda.

A educação física, que não deve ser considerada, dentro de critério demasiado simplista, a educação ou cultura da parte física do homem, é, na realidade e dentro do actual conceito pedagógico a educação do homem, física e psíquica, por meio dos exercícios físicos. São inter-relações, errada a primeira, perfeitamente análogas.

A educação física serve-se, para os seus fins, de três agentes escalonados e que se completam: os jogos, a ginástica e os desportos. Não se pode assimilar a qualquer deles, porque todos dela fazem parte.

Assim, a educação física de um indivíduo inicia-se, nos primeiros anos, desde os três ou quatro, pela prática dos jogos infantis, prossegue pela ginástica educativa e completa-se com o desporto.

É claro que esta seriação, perfeitamente destacada, não corresponde à verdadeira aplicação melódica, pois a prática desportiva não se sucede ao período de cultura ginástica, mas sim se lhe adiciona, prosseguindo esta como factor indispensável de preparação.

Esta é a maneira de entender que ditou o diploma oficial que rege as práticas desportivas em Portugal, onde taxativamente se determina que nenhum desportista possa participar de competições sem a frequência de uma classe de ginástica e a sua assiduidade na mesma certificada pelo professor.

É provável que as coisas se não passem em todas as colectividades desportivas com o rigor determinado pela lei, mas muito se conseguiu já e, intensificada a fiscalização por quem de direito, mais nos aproximaremos da desejável colaboração ginástica-desportiva, factor essencial do melhor rendimento dos nossos atletas ou desportistas em geral.

ofereceu uma taça de prata ao Sporting. E recebeu, entre outras lembranças, uma placa de prata, do Sporting; um galhardete, da secção de ciclismo do Benfica; e uma salva de prata, dos corredores independentes do mesmo clube. No fim, o sr. dr. Fernando Seromenho, leu algumas palavras de agradecimento de João Lourenço.

A festa fechou com a «americana» — e fechou bem, porque João Lourenço foi um dos animadores e vencedor da corrida.

Benfica avança a passos seguros e Académica marca boa posição

Jornada do desnível

VÃO decorridas três jornadas do Campeonato Nacional da Primeira Divisão. Três variedades se nos apresentam; qualquer delas com interesse. A 1.ª jornada das tangentes seguiu-se a dos empates. Mas veio logo, desconcertante, a jornada dos desníveis. A tendência para o nivelamento de valores era nítida, mas, de repente, a cena modificou-se, tornando-se praticamente irreconhecível. Era uma coisa bem diferente daquilo que todos acreditavam que seria... Somos pela verdade dos resultados. Toda a ordem de considerações esbarra com os factos, e contra estes não se pode lutar. Que importa, em teoria, afirmar-se isto e aquilo, se, no fundo, os números encerram e traduzem uma verdade que nada consegue destruir?

Registraram-se nesta terceira jornada os resultados mais volumosos, pois, à excepção do que se passou na Tapadinha e nos Arcos, o desnível traduz desproporção dos valores em luta. Entre o Belenenses e o Benfica houve grande desnível, uma espécie de fosso intransponível para os de Belem. Em Olhão, os leões mantiveram a tradição, acabando por triunfar nitidamente. O Porto fez a vida dura ao Lusitano, tirando-lhe muitas ilusões. Braga demonstrou o seu poderio em casa, e o Elvas foi uma vítima. Covilhã dispôs de Guimarães, de uma forma superior ao que se presumia. O futebol é, na verdade, desconcertante, e as melhores consequências de bom senso em relação ao que se passa num dia são desmentidas oito dias depois. Foram apresentados os seguintes resultados:

Belenenses..	1	—	Benfica....	6
Olhanense..	2	—	Sporting...	4
Atlético...	1	—	Académica..	1
Porto.....	8	—	Lusitano...	2
Braga.....	5	—	Elvas.....	1
Setúbal.....	5	—	Estoril.....	5
Covilhã.....	5	—	Guimarães..	2

Os clubes continuam a marcar a sua personalidade. São *teams*, na verdadeira acepção da palavra. Benfica estragou a vida ao Belenenses, mas o Atlético perdeu um ponto em frente da Académica. O Estoril também veio fazer um ponto no campo dos Arcos. Em compensação, o Sporting foi deabalado a Olhão e sucedeu o inevitável: os algarvios ainda tiveram esperanças, mas depois entregaram-se.

No fundo, todos os resultados estão na lógica dos acontecimentos. O Benfica é hoje um dos grupos que melhor joga, mostrando uma construção assas notável. Os vários sectores desenvolvem-se com precisão notável, e o inimigo é sujeito a uma organização que o consegue enervar: no ataque, ele é seguro e rápido; na defesa, sólido e ligado, ao ponto de só dificilmente se passar. Enquanto o Benfica está um belo grupo, senhor de força e sistema, o Belenenses mostra-se em decadência, que, diga-se o que se disser, não está em correlação com o seu valor. A defesa afunda-se por falta de moral, a linha média mostra-se inconstante pelas características dos seus elementos, e a formação dianteira não consegue a ligação devida. Todos os homens dão a impressão de esforço isolado, não se integrando no conjunto.

Justamente, tem o Sporting a ideia de solidariedade. Cabe-nos apontar esta ideia-base que há muito defendemos. Cada vez os homens interessam menos, e é afinal a ideia de conjunto que preside a todos os actos e movimentações de um grupo. Faltando uma unidade como Peyroteo no *team*, era natural que este acusasse a falta. Contra semelhante ideia revoltam-se os resultados. Em Olhão, como já no Estoril, o grupo carburou perfeitamente. E, que, no fundo, o futebol moderno tem no seu plano a ideia principal. Os algarvios desenvolveram futebol movimentado, e, enquanto tiveram fôlego, o onse leonino esteve em transe. Os sportingistas

TAVARES DA SILVA

(Continua na página 12)



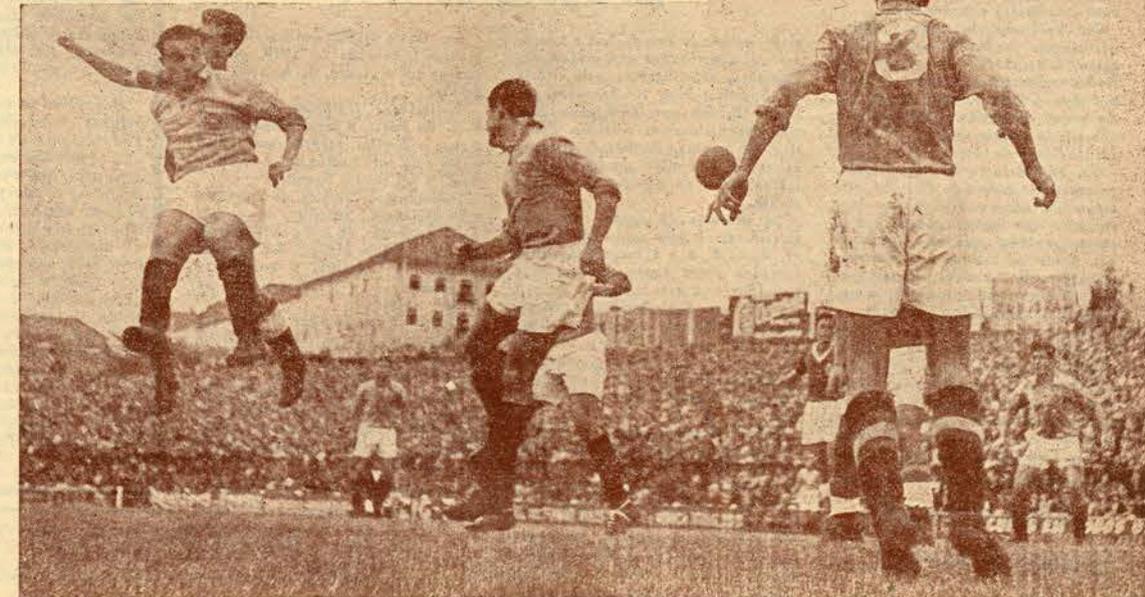
De cima para baixo — A defesa da Académica, bem ligada nos seus movimentos, está em acção plena, vendo-se Curado a travar a marcha de Ben David, e José Braz, já vitorioso... ♦ Capela, da Académica, teve muitas oportunidades de mostrar a sua classe. Desta vez, defende-se do ímpeto de Teixeira da Silva... ♦ Capela blocou a bola, em mergulho. A ameaça desapareceu, mas Curado estava presente! ♦ Capela eleva-se, e a bola passa por alto e o perigo desaparece. Ben David, impetuoso, não conseguiu o remate de cabeça



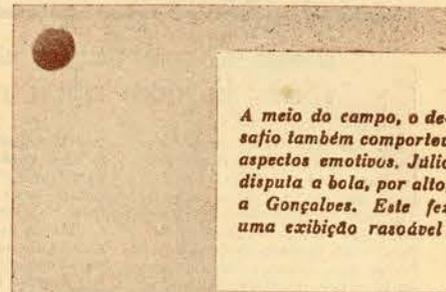
Em frente das redes de Belem, o momento é de emoção!



A luta entre Serafim e Rosário foi um dos atractivos das Salésias. Aqui vemos os dois, empenhados na luta magnífica



Três excelentes belenenses, Pinto de Almeida, Feliciano e Serafim, estão em acção e vêem-se em sérias dificuldades



A meio do campo, o desafio também comporta aspectos emotivos. Júlio disputa a bola, por alto, a Gonçalves. Este fez uma exibição razoável!



O tenente-coronel Ivens Ferraz

abandona em Dezembro o cargo de seleccionador
e chefe das equipas militares portuguesas

Por ter sido recentemente nomeado comandante do Regimento de Lanceiros 2, deixa, no fim deste ano, de exercer o cargo de Delegado do Ministério da Guerra junto dos Concursos Hípicos Oficiais, o sr. tenente-coronel Ivens Ferraz que, nesta qualidade, tinha também por missão constituir as equipas hípicas militares e acompanhá-las, como seu chefe, nas saídas para o estrangeiro.

Durante os anos em que desempenhou o cargo, o sr. tenente-coronel Ivens Ferraz procurou exercê-lo com zelo, e conseguiu cumprir a sua missão, ingrata e difícil, revelando sempre magníficas qualidades e, sobretudo, o seu saber e a sua honestidade de princípios.

É natural que o seu trabalho não tenha agradado a todos. É mesmo

possível que tenha tido erros, mas é uma verdade indiscutível que as selecções que constituiu alcançaram bons êxitos, quer no país, quer no estrangeiro.

Seleccionar é sempre difícil e conseguir-se inteiro e geralacôrdo para uma selecção é humanamente impossível. Que o digam todos os nossos seleccionadores...

No hipismo as dificuldades aumentam, visto que além da escolha dos cavalheiros — que duma maneira geral não dará muito que pensar — há que fazer a selecção dos cavalos e proceder à sua distribuição — trabalho sempre difícil e sempre ingrato.

Durante o tempo em que exerceu o cargo de seleccionador militar as suas equipas não perderam a «Taça de Ouro da Península», durante cinco anos consecutivos, (de 1941 a 1948) e os elementos que escolheu para nos representarem no estrangeiro, obtiveram all 11 primeiros prémios, isto apesar de nem sempre se poder contar com bons cavalos.

Bastariam estes êxitos para que se considerasse notável a sua acção de dirigente e se reconhecesse ter Ivens Ferraz desempenhado o seu cargo com profunda dedicação e incontestável saber.



Tenente-coronel Ivens Ferraz

Nos meios hípicos nacionais correm boatos quanto à escolha do seu substituto, apontando-se já vários nomes, um dos quais com certa insistência, mas nada ainda se sabe de positivo.

O que é certa é a saída de Ivens Ferraz motivada, unicamente, por assuntos que se prendem com a sua vida militar.

Stadium, que sempre contou com a dedicação do ilustre oficial e ao qual deve inúmeras facilidades para o bom desempenho da sua missão junto do público, cumpre apenas um dever pondo em realce a acção do sr. tenente-coronel Ivens Ferraz, durante o tempo em que dirigiu, com superior dedicação, o nosso desporto híptico militar.

CONCURSOS de prognósticos

Já por mais de uma vez nos referimos aos benefícios que a organização desportiva auferia em muitos países da Europa por intermédio dos concursos de prognósticos, oficialmente regulamentados.

O problema, que sempre pareceu digno de estudo para o caso nacional, tem na Finlândia uma solução quase perfeita e que permitirá ao governo do país não gastar no futuro nem um marco para a educação e aproveitamento desportivos.

O projecto de lei regulamentando os concursos de prognósticos foi votado em 1940 mas, por causa da guerra, só em 1945 entrou em verdadeira aplicação. Creou-se uma sociedade anónima, cujas acções foram subscritas por federações e clubes e só em último lugar particulares; a sociedade, aliás, não distribui dividendos.

O Ministro da Educação, é, por direito, o presidente do conselho de administração, onde o Estado ocupa ainda dois outros cargos, assim como no comité directivo.

As apostas, que ao princípio incidiam sobre diversas modalidades, visam agora apenas o futebol (doze encontros do campeonato da Liga inglesa e, durante a sua interrupção dos campeonatos sueco e finlandês) e cada boletim custia cinco marcos.

Melade da receita total é reservada aos vencedores (na semana de 10 a 17 de Setembro, 477 ganhantes receberam trezentos mil marcos cada); do restante deduzem-se os impostos, 10% para os agentes distribuidores, despesas de administração e sobram, em média, 35% para as organizações desportivas.

Em 1948 o valor dos subsídios concedidos atingiu 171 milhões de marcos e no ano corrente espera-se que seja atingida a verba de 300 milhões, o que permitirá ao Estado nada dispendir com o desporto e a educação física da mocidade. Em 1951 já não será necessário empregar toda a receita com as necessidades desportivas e, então, o remanescente destinar-se-á a obras científicas, artísticas e literárias.

Ela, por conseguinte, uma iniciativa que satisfaz toda a gente e cujas vantagens permitem resolver problemas que, sem ela, ficariam insolúveis.

REVISTA

Stadium

Vende-se no RIO DE JANEIRO

na CASA VANNI

161, Avenida Rio Branco, 161

Os progressos e o desenvolvimento do atletismo português assentam ainda hoje, como sempre assentaram, no trabalho interno dos clubes, os grandes obreiros do desporto nacional. Por isso nos parece justo incluí-lo, ao cabo da temporada de competições, num quadro de honra com seus títulos e recompensas.

No programa da época atlética portuguesa, tão lamentavelmente escasso, falta ainda um torneio que seja o verdadeiro campeonato nacional dos clubes, torneio de equipas em que os competidores fossem, pelo número de representantes, colocados em igualdade de forças.

Se, na ausência de tal torneio, procurarmos com o auxílio dos números do ano estabelecer uma classificação, que nunca poderá ser a exacta verdade, pois não é possível que todos os homens se encontrem no mesmo dia no melhor da sua forma, encontraremos ainda assim um resultado aproximado da verdade.

Em qualquer prova de equipas organizada agora em Portugal, o Sporting e o Benfica seriam infalivelmente os grandes finalistas; tomando para elementos de confronto os dois melhores resultados dos atletas de cada um destes clubes nas dezasseis provas individuais do programa offi-

ATLETISMO O BALANÇO DOS CLUBES na época de 1949

cial e contando com 5, 3, 2 e 1 pontos os classificados por ordem decrescente, concluiremos pela vitória do Sporting com 101,5 pontos, sobre o Benfica com 85,5 pontos, assim discriminados: corridas, Sporting 55 pontos, Benfica 44 pontos; saltos, 20,5 e 23,5 pontos; lançamentos, 26 e 18 pontos, respectivamente.

Se usarmos de outro critério e classificarmos pela soma dos pontos (7, 5, 4, 3, 2 e 1 respectivamente) somados pelos seus representantes incluídos nos seis melhores do ano em cada uma das referidas 17 provas, obtemos: Sporting, 180 pontos; Benfica, 138 pontos; Colégio Militar, 21,3 pontos; Belenenses, 12 pontos; Académico do Porto e F. C. do Porto, 9 pontos; Estrela e Vigorosa 0,3 pontos.

Estes números assinalam bem a apreciável superioridade dos dois grandes clubes da capital e quanto se aproximam em valor as suas equipas; os sportingistas firmaram a sua superioridade nas corridas dos 800 aos 10.000 metros e no lançamento do disco; as melhores provas dos benfiquistas foram o salto em altura, os 110 metros barreiras e os 200 metros.

Os títulos disputados em pista durante a temporada de 1949, dividiram-se por 8 clubes, da seguinte maneira:

Colectivos: regionais, 3 para o F. C. do Porto, 2 para o Sporting e 1 para o Benfica, respectivamente no norte e no sul; nacionais, 2 para o Benfica e 1 para o Sporting.

Individuais: Benfica, 26 regionais e 20 nacionais; Sporting, 21 e 23; F. C. do Porto, 26 e 3; Académico, 21 e 2; Colégio Militar, 8 e 2; Académica de Coimbra, 3 nacionais; Belenenses, 2 e 1; Académico de Braga, 1 regional.

Os títulos do Benfica dividem-se: 11 nos principiantes, 15 nos juniores e 20 nos seniores; os do Sporting, 12, 14 e 18 respectivamente.

Há a acrescentar os títulos dos pseudo-campeonatos femininos: 15 para o Belenenses, dos quais 8 nacionais e 3 para o Sporting, sendo um nacional.

SALAZAR CARREIRA

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C — Telef. 30078

LISBOA

MAIS um jogador que veio da província até Lisboa. Este, no entanto, foi obrigado a fazê-lo, porque acima da vontade e das conveniências sociais dos homens, sob o prisma pessoal, está o cumprimento do dever que compete a todo o português, sem desistência de hierarquias: servir a pátria, através do serviço militar obrigatório.

Uma vez na capital, rasgaram-se novos horizontes para o prometedor atleta, ansioso de ascender no meio futebolístico, uma vez que confiante nas suas possibilidades, estava convicto de que encontraria acolhimento favorável em clube onde pudesse aperfeiçoar o pouco que aprendera e burilar o muito de jeito que possuía.

Anteapadamento fôra-lhe indicado o Sport Lisboa e Benfica, um dos «grandes» da bola, um dos clubes onde seria possível triunfar se de facto demonstrasse valor.

Porém, o certo é que o *homem pões e Deus*

diu-se dos pais e dos 10 irmãos e partiu para Lisboa, a cumprir o seu dever de cidadão.

Ouçamos agora Rodrigues, que tem a palavra.

— Quando vim para a cidade, já estava convidado para ir treinar no Benfica. O meu antigo companheiro Vítor Baptista, dissera-me que com o geito que tinha era certa a minha admissão. Contudo, uns dias antes daquele que fixara para me apresentar no clube dos «encarnados», encontrei casualmente, na rua, um indivíduo a quem pedi determinada informação, pois desconhecia a toponímia citadina. Enquanto caminhamos, palavra puxa palavra, e o meu companheiro ocasional ao saber que eu era jogador, disse-me que era sócio do Atlético e convenceu-me a pisar a relva da Tapadinha, o que fiz no dia seguinte, tendo o treinador Areso ficado agradavelmente impressionado com o treino que fiz.

«Fiel ao compromisso assumido perante o Vítor Baptista, acedi ao convite que me fo-

NOVOS VALORES DO FUTEBOL

José Rodrigues dos Santos

o esperançoso interior do Atlético concedeu-nos a sua primeira entrevista

dispôs. O propósito inicial gorou-se e um novo rumo se lhe deparou.

El-lo no Atlético Clube de Portugal—onde já alinhou na categoria principal—desejoso de contribuir com o seu entusiasmo para que a turma alcantarense se firme em lugar honroso, no Campeonato Nacional que teve a sua primeira jornada no passado dia nove.

Tudo isto vem a propósito de um mancebo que em Paços de Brandão foi batizado com o nome de José Rodrigues dos Santos e ali viu a luz do dia em 20 de Novembro de 1928, portanto, há quase 21 anos.

Começou a sua curta carreira—até agora—aos 17, na Associação Desportiva Sanjoanense, permanecendo durante duas épocas na categoria de juniores. Na primeira ocupou o lugar de extremo esquerdo e na segunda o de eixo do quinteto dianteiro.

A sua habilidade e intuição depressa o tornaram notado, criando-se expectativa quanto ao seu ingresso na categoria de honra.

Não falhavam as previsões dos «entendidos» porque o «rapaz» estreou-se contra o Sporting Clube Olhanense, tendo provado satisfatoriamente, apesar do natural embaraço e enervamento bem compreensível, se atentar-mos na brusca transição de categoria.

Por motivos de ordem particular e familiar, Rodrigues—assim se tornou conhecido na bola—não jogou mais essa temporada, vendo-se privado de continuar a trilhar um caminho que se lhe deparava propício para calcorrear com segurança.

Findo o defeso começaram os treinos e, removidas as contrariedades, o jogador compareceu no campo.

Escolhido para fazer parte da turma de honra, seguiu a preparação com o maior rigor, alinhando no jogo particular travado contra a União Desportiva Oliveirense, associando o seu nome ao dos vencedores da taça em disputa. Bons auspícios!

Na época finda, continuou a defender a mesma camisola, averbando vitórias e derrotas nos prêmios em que a equipa participou. A sua boa vontade e dedicação foram manifestas, cotando-se como atleta de fibra, como elemento a aproveitar para maiores cometimentos além do âmbito em que actua.

Um dia, no mês de Março deste ano, despe-

feito pelo Benfica para lá ir treinar, prometendo ao director que me foi procurar, ao Balthão, que não faltaria.

«De facto fiz dois treinos e parece-me que agradei. Todavia a minha escolha já estava feita: iria para o Atlético porque o ambiente se assemelhava ao da Sanjoanense e, ainda, porque não me esquecera das palavras do sr. Areso: *aqui tens mais facilidade de ingressar na primeira categoria; o número de jogadores bons é menor do que no Benfica!*»

Continuamos escutando, deixando o nosso interlocutor à vontade para exteriorizar o seu pensamento.

Retomando a palavra, declarou:

— Estou contentíssimo no meu novo clube e muito grato aos directores, colegas e massa associativa pela forma como me têm tratado. Ao sr. Areso, em especial, quero agradecer-lhe os ensinamentos que proficientemente me tem dispensado, envolvendo na mesma gratidão o meu primeiro treinador Joseph Szabo, o homem que me levou à primeira categoria do meu ex-clube.

«Na Ilha da Madeira, onde fui com a equipa do Atlético, defrontei o União e o Nacional, alinhando em ambos os jogos na primeira parte. Não participei do jogo contra o Marítimo, por razões de ordem tática. Regressado a Lisboa, fiz um jogo em reservas contra o Benfica, tendo marcado um gol. Depois, já na primeira categoria, marquei outro ao Estoril, nas Salésias, na pugna da «Taça preparação» que ganhamos por 2 0. Vou fazer todo o possível para que não me fuja o lugar de interior esquerdo na turma principal.

«Jogo porque gosto e a minha maior preocupação é marcar tentos. A baliza para mim é um alvo constante, uma obsessão! Com as possibilidades técnicas que o clube me proporciona, tudo farei para o servir, seja em que categoria for. Gosto do Atlético, sou «atlético!»

Muito bem, Rodrigues—dissemos-lhe. Fale-nos, agora, das suas predilecções... e do mais que quiser.

— Dos jogadores com mais popularidade tenho especial admiração pelo Rogério, Azevedo, Araújo e Ben David.

«Não me canço de os ver, são admiráveis! No meu lugar, aquele que mais me impressionou



José Rodrigues dos Santos

e jamais esquecerei foi Artur de Sousa (Pingo)! Nesta altura, Rodrigues levantou-se. Seguimos o seu olhar. Alguém se dirigia para nós. Feitas as apresentações, ficamos conhecendo Pedro Areso, o treinador dos alcantarense.

Continuando, o ex-sanjoanense, asseverou: — Guardo como a melhor recordação da minha vida de jogador o desafio contra a Associação Desportiva Ovarense, em que meti 5 golos e como a pior o encontro que disputei em juniores contra o Beira Mar, em Aveiro, não por ter empatado, mas sim pelas «arências» com que me mimosearam...

«Como é esta a primeira ocasião em que falo para o público, quero agradecer aos sanjoanenses todo o carinho e amizade que sempre me dispensaram e aos bons aficionados de Lisboa a sua cativante simpatia para um novato como eu.»

Rodrigues nada mais nos revelou. Instado por nós, acerca do seu pupilo, Areso, com a maior cortezia, disse-nos, em tom confidencial:

— Tenho deste rapaz a melhor impressão. Acusa falta de treinos, mas pode ser «alguém». Presentemente tem no engodo pela baliza a sua maior virtude e na falta de rápidos o seu maior defeito. Aguardemos.

PITTA CASTEJEJO

No próximo número:

ARESO

o treinador do Atlético, revela a «Stadium» o que pensa acerca do futebol.

Segunda Divisão

COM três jornadas percorridas, as classificações já deviam ser mais claras.

Mas, somente em quatro séries, há primeiros classificados isolador. São eles: Oriental, Almada, União de Montemor e Portimonense.

A posição destes guias não é segura. A pouca distância há clubes gulosos de qualificação para a segunda fase, e que não se poupam a esforços para aparem os líderes.

Destes, há dois que não devem descer. Referimo-nos ao Oriental e ao Portimonense.

Equipas práticas, rápidas, voluntaristas, sonham com o título. Qualquer delas porém pode alcançá-lo. Os outros elementos das séries são confusos e animosos. Manterão luta acesa para o 2.º lugar.

Nas séries confusas, e são todas as outras, é que o problema está embrulhado.

E então no arranjo final, terão que entrar em linha de conta todos esses inúmeros imponderáveis (lesões, expulsões, enfracuamentos, etc.), que podem fazer um campeão e destruir legítimas aspirações. Esperemos. Vendo os resultados, devemos colocar em primeiro lugar, pela sua expressão e clareza, o que o Académico de Viseu alcançou. Equipa jovem, rechada de valores, lutadora, prestando desempenhar papel de relevo.

A sua carreira neste campeonato ainda não foi empanada pelo amargo da derrota. A qualificação para a segunda fase é tida como certa. Resta saber se o fundo atlético corresponderá à vontade.

Os de Viseu, acreditam que sim. Assim seja.

O Leixões, que se mantém à frente da sua série, foi a Leça buscar uma preciosa vitória por um resultado concludente.

Como companheiro leva o Espinho, a equipa do grande João da Cruz que ontem já alinhou.

Este Espinho, está destinado para grandes feitos. Derrotar o Boavista, equipa já habituada a andar entre as grandes, não está, ao alcance de qualquer.

E o Boavista, não deve desanimar. Duas derrotas seguidas, podem abalar o moral, mas não o destroem. É uma equipa de tradições e valor, como são os axadrezados e onde há nomes como A. Caiado, Mota, Serafim, Lourenço, F. Caiado e outros, tem obrigação de não se deixarem invadir pelo desânimo. Para nós, apesar de tudo, o Boavista cota-se como um dos grandes favoritos.

O Famacião alcançou um resultado com o seu que é inesperado. O Monção tem feito boa carreira e não se esperava tão nítido desnível.

O Vila-Real foi o herói da série. No campo onde sucumbiu, o Famacião, passaram os trasmontanos. Isto quer dizer qualquer coisa...

Os Leões e o União de Coimbra, continuam sem ceder. Venceram ambos em casa do adversário, e pela tangente. O jogo que os porá

frente a frente será coisa falada.

O Casa-Pia conseguiu a primeira vitória e por marca que não deixa lugar para reticências. Venceu e convenceu.

O 2.º lugar, está perfeitamente ao seu alcance. A vontade e brío dos gansos é grande. E consegue-se muito com fé e perseverança.

E outro resultado quase com sabor de surpresa, na série 6: a vitória do S-ixal em casa do C. da Piedade. Diz a crítica que a defesa do C. da Piedade experimenta certas dificuldades. Não sabemos se será essa a razão. A qualificação ainda é possível. E é natural que, hoje, prejudicado, o C. da Piedade beneficie amanhã dos resultados-surpresa que se registarem.

Não deixa de admirar o magro resultado conseguido pelo Portimonense. Isto quer dizer que a resistência dos adversários duplica e os de Portimão não terão o caminho juncado de rosas.

A. J. FREITAS

Seguem-se os resultados:

ZONA A

Série I
Vianense ... 3 — Sp. de Fafe ... 0
Gil Vicente ... 1 — D. de Chaves ... 1
F. C. de Fafe ... 0 — Vila-Real ... 1
Famacião ... 5 — D. de Monção ... 0

Série II

Desp. Aves ... 0 — Oliveirense ... 0
Leça ... 1 — Leixões ... 7
Académico ... 1 — Tirsense ... 0
Sanjoanense ... — Beira-Mar(o) ... 0
Espinho ... 5 — Boavista ... 3

ZONA B

Série III

Sp. Lamego ... 2 — Vilmoinhos ... 1
C. Branco ... 1 — Viseu ... 0
Ac. de Viseu 14 — Gouveenses ... 0
U. da Guarda ... 6 — Covilhãense ... 2

Série IV

Mariavalvas ... 0 — U. Coimbra ... 1
Conimbricense ... 3 — L. Santarém ... 4
Rossiense ... 3 — Naval ... 3
Aleanense ... 2 — Ferroviários ... 5
G. Alcobaça ... — Torriense ... 1

ZONA C

Série V

Casa-Pia ... 6 — Olivais ... 0
Arroios ... 2 — Palmense ... 1
Alhandra ... 6 — F. Benfica ... 2
Operário ... 0 — Oriental ... 3

Série VI

D. Montijo ... 1 — C. U. F. Bar.º ... 1
Almada ... 4 — Luso ... 3
Barreirense ... 4 — G. do Sul ... 2
C. Piedade ... 1 — Seixal ... 2

ZONA D

Série VII

Estrela F. C. ... 1 — S. C. Estrela ... 0
U. Montemor ... 1 — Juventude ... 0
Lus. Evora ... 0 — Eléctrico ... 0
Portalegre ... 4 — Campo Maior ... 0

Série VIII

A. de Moura ... 2 — B. Esperança ... 0
D. de Beja ... 2 — Farense ... 0
Portimonense ... 3 — Aljustrelense ... 0
S. L. Faro ... 2 — F. C. Silves ... 0

a) — Não se efectuaram devido ao mau tempo.



Já é mania! Os velhos rivais estão instalados, e riem-se dos outros... Até um dia!

JORNADA DO DESNIVEL

(Continuação da pag. central)

têm hoje a ideia de que é preciso suprir a ausência do seu magnífico centro-avante, e todos procuram dar um pouco mais do seu normal para anular a desvantagem.

Quem está a dar nas vistas e a surpreender pelo modelo do seu futebol é a Académica. Parece-nos que os estudantes jogaram mal, e é fora de dúvida que os atléticos perderam um ponto precioso. O que se deixa fugir dentro de casa tem um valor duplo. Mas o futebol da Académica está a modificar-se, em termos de deixar de ser vistoso e passar a eficiente. Os rapazes estão a ser dominados, e, num golpe exploram as circunstâncias. Está reservado à Académica um bom papel.

O Porto dominou o Lusitano; na primeira parte, os seus atacantes acertaram no caminho das balizas e a soma elevou-se a números muito grossos. Foi o Diabo. Porque o Lusitano estava a fazer figura, e estas derrotas corrompem o moral. Fica de pé, como sempre, a dificuldade de jogar dentro ou fora de casa!

Brag, cuja carreira ainda não se afirmara, livrou-se do Elvas, o

team que acentua a sua crise. As alterações introduzidas no ataque bracarense parecem denotar boa visão. Os elvenses não conseguiram ainda a prática de um sistema que os ponha a descoberto dos ataques insistentes do adversário. Não praticam, esta é a verdade, um futebol definido.

Também Guimarães atravessa um período de crise filiado na falta de jogadores. Os esforços do treinador que é um trabalhador incansável não são suficientes para suplantarem as nítidas deficiências que o grupo atravessa, especialmente na defesa, desde a saída do seu back-central. Covilhã comporta-se como adversário de respeito, na sua terra. Cai a fundo sobre o inimigo e este é enleado numa rede de passes que termina em golos.

Os setubalenses continuam a mostrar a sua vivacidade e energia, mas encontraram pela frente um adversário que resistiu a todas as iniciativas.

A jornada de desnível teve ao menos o mérito de pôr de sobre-aviso todos, e agora ninguém poderá ignorar os acontecimentos. Quem as tiver é que as joga!

TAVARES DA SILVA

Classificação geral

	CASA				FORA				TOTAL				P.	
	J	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.	B.	V.	E.	D.		B.
Benfica	3	1	—	—	4-0	2	—	—	9-3	3	—	—	13-3	6
Sporting	3	1	—	—	3-1	2	—	—	8-2	3	—	—	11-3	6
F. C. Porto	3	2	—	—	9-2	—	1	—	2-2	2	1	—	11-4	5
Sp. da Covilhã	3	1	1	—	7-4	—	1	—	2-2	1	2	—	9-6	4
Académica	3	1	—	—	3-1	—	2	—	3-3	1	2	—	6-4	4
V. S-tubal	3	1	1	—	7-6	—	1	—	2-2	1	2	—	9-8	4
Sp. Braga	3	1	1	—	7-4	—	1	—	1-3	1	—	2	8-7	2
Olhanense	3	—	1	1	4-6	—	1	—	0-0	—	2	1	4-6	2
Atlético	3	—	2	—	2-2	—	1	—	0-4	—	2	1	2-6	2
Estoril	3	—	—	1	0-4	—	2	—	7-7	—	2	1	7-11	2
Belenenses	3	—	1	1	1-6	—	1	—	1-1	—	2	1	2-7	2
V. Guimarães	3	—	1	—	2-2	—	2	—	3-7	—	1	2	5-9	1
«O Elvas»	3	—	1	—	2-2	—	2	—	1-6	—	1	2	3-8	1
Lusitano	3	—	1	—	2-2	—	2	—	3-11	—	1	2	5-13	1

Braga, 5 - Elvas, 1



Esta jogada de que resultou o primeiro gol de Braga! Semedo lançou-se, mas não apanhou a bola. Oliveira acorreu, com prestesa, mas deu a bola mal, e o avançado bracarense abriu o activo, marcando o primeiro gol



*Em cima — Semedo, a soco, defende com dificuldade, pois os adversários não hesitam...
Em baixo — Joaquim Teixeira passa de cabeça*



Em cima: SPORTING-OLHANENSE — E o guarda-redes do Sporting, apesar de se mover rapidamente, não pára o segundo gol de Olhão. ♦ Em baixo: COVILHÃ-GUIMARÃES — Esta defesa do guarda-redes da Covilhã deixa o seu grupo tranquilo. Só quando não poder deixar de ser... os homens de Guimarães não chegam a tempo

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Pitta Castilho

(Continuação)

Asseverou-lhes que já havia declarado a um director do Sporting que só alinharia pelos «leões», afirmação esta feita na Sede, no dia em que lá foi apresentar-se. Mais uma vez era obrigado a manifestar a sua mágoa por duvidarem da sua palavra que, repetia, tinha tanto valor como um documento escrito.

A tarde, perante o indivíduo que em nome do Futebol Clube do Porto, lhe fez as mais tentadoras propostas, como por exemplo uma óptima subvenção, um excelente e «chorudo» prémio pela assinatura do contrato e, ainda, um emprêgo com a remuneração inicial de Esc. 1.200\$00, mais uma vez, ao recusar prontamente, se manteve igual a si próprio, fiel aos seus princípios, obediente à sua escrupulosa dignidade!

Dois dias depois assinou o contrato, pelo Sporting, com a validade de três anos, perante o director da Associação, sr. Paulo Vieira, um dedicado dirigente como mais tarde teve ocasião de verificar.

Como prémio, recebeu a quantia de quinhentos escudos, que ficaram reduzidas a umas escassas dezenas, depois de um ópíparo almoço em companhia de alguns camaradas da equipa e de ter comprado alguma fruta e umas bugigangas.

Bons tempos esses em que quinhentos escudos chegavam para assegurar o concurso de um jogador, durante três anos!

Começou a temporada de 1937-1938. Fernando iniciou a sua carreira no continente.

VI

No dia 12 de Setembro de 1937, Fernando Peyroteo, envergando a camisola dos «leões», disputou no estádio «José Manuel Soares» o seu primeiro desafio na metrópole, contra o Sport Lisboa e Benfica, cujo resultado foi favorável à turma sportinguista por 5 a 3.

Com o campo completamente cheio, não só por se aguardar com curiosidade como se comportaria o «africano», mas sobretudo por se tratar de um encontro entre os velhos rivais, o prélio decorreu com aquele entusiasmo natural de verificar quando o embate é esperado ansiosamente.

O avançado-centro leonino alinhou ao lado de Azevedo, Martins, Jesus, Jurado, Galvão, Rui Araújo, Paciência, Manuel Marques, Mourão, Heitor, Vasco Nunes e Cruz. Uma equipa que se recorda ainda hoje, com saudade!

Antes de entrar no campo, Fernando foi aconselhado por Szabo, que com todo o cuidado de pormenores, lhe indicou a forma como havia de proceder, elucidando-o das características do jogo dos adversários em geral e daqueles que encontraria a obstruir-lhe os movimentos, em particular.

Enquanto lhe ligava os pés, o «mister» leonino, soube amparar moralmente o «recruta», insuflando-lhe confiança e, destruindo, mercê dos assuntos que versou, o natural acanhamento, pavor e nervosismo de que este estava invadido.

Embora já tivesse sido seleccionado para jogar com o Congo Belga, Fernando sentia o momento de forma tão vinculada como se se tratasse de uma estreia em primeiras categorias.

O ambiente era outro, os valores do futebol português que se habituava a conhecer e a admirar através da imprensa, iriam evoluir ao seu lado, tornando possível o confronto.

Não duvidava de si, é certo, mas a incer-



teza, misto de angústia e de dor, pesava-lhe no ânimo, abalava-lhe a vontade.

Durante o desafio foi ganhando confiança, acreditou nas suas possibilidades e visionou possível a obstenção de uma boa nota, naquele difícil exame a que estava sendo sujeito, tendo por examinadores os milhares de aficionados que o não perdiam de vista. Lutou e venceu, convencendo.

A sua presença fez-se sentir grandemente na defesa contrária, pouco habituada à acção demolidora de um atacante hércules, ágil, rápido e com uma fulgurância de reflexos pouco vulgares para atirar à baliza. Dois dos tentos

da sua equipa foram obtidos por si com sentido de oportunidade e potência de remate.

Peyroteo, marcou posição no seu primeiro contacto com o futebol continental, em desafio com carácter particular, mas disputado com empenho e calor que são próprios dos embates entre estes dois grandes clubes portugueses.

A crítica assinalou a sua estreia como a revelação de um jogador com largo futuro à sua frente, dadas as suas características de trabalhador indómito e rematador perigoso.

O seu mestre, Joseph Szabo, louvou-o com exuberância e vaticinou-lhe, convictamente, uma longa e brilhante carreira, se não se desviasse dos deveres inerentes aos jogadores de futebol, isto é, se não esquecesse os primórdios da disciplina aos treinos, e subordinação da voluntariedade à exigência do aperfeiçoamento e o refreamento da exuberância ao comedimento preciso para a manutenção de uma óptima preparação física.

O público safu satisfeito e comentou largamente o aparecimento do futuro «ás», acreditando nas suas possibilidades.

Sucederam-se os encontros e Fernando voluntarioso, audaz, fegoso, intemerato, foi destroçando as defesas mais sólidas, marcando tentos, decidindo a sorte dos desafios.

Integrado na turma principal, participou durante essa temporada nos campeonatos, cotando-se como um admirável avançado, que de jogo para jogo ia firmando mais sólida-mente a sua posição, a ponto tal que...

Cândido de Oliveira, seleccionador nacional, começou os seus trabalhos com vista ao recrutamento dos jogadores que constituiriam a equipa portuguesa que havia de defrontar a selecção alemã em Francfort. A escolha de Peyroteo não surpreendeu e foi considerada por uma forte corrente, como absolutamente natural e por outra também numerosa, como estemporânea, visto que apoiavam respectivamente as inclusões de Fernando e Espírito Santo, dois grandes e admiráveis jogadores rivais em campo, mas amigos e camaradas inseparáveis na vida da sociedade.

(Continua)



DE PE — da esquerda para a direita: Szabo (treinador), Rui Araújo, Figueiredo, Jurado, Paciência, Galvão, Marques, Azevedo. DE JOELHOS — pela mesma ordem: Mourão, Soeiro, Peyroteo, Pirez, Cruz e outro jogador que não conseguimos identificar

NOTA DA SEMANA

A faina um tanto gloriosa (desportivamente falando, é claro...) de bater «à corda» traz, às vezes, amargos de boca.

Como prova, veja-se o sucedido com o saltador negro Thiam Papa Gallo, da Guiné Francesa, que no decorrer de um concurso efectuado há dias em Pau, transpôs a fasquia colocada a 1^m,99 de altura, melhorando assim o máximo nacional.

Segundo se diz, a pista de balanço para o salto utilizada pelo atleta de Dacar, tem uma ligeira inclinação descendente 2,5 por cento, o que beneficiaria Papa Gallo de cerca de 5 centímetros, reduzindo a verdadeira realidade do salto a 1^m,94 somente.

Todavia, um grupo de partidários do pretendente a recordista indignou-se com a revelação do caso e garante o nivelamento horizontal da mencionada pista, tanto mais que um geômetra ajuramentado, depois de ter feito a respectiva vistoria, declarou o estádio de Pau em boas condições.

Os contraditores mantêm-se firmes. Querem nova inspecção do terreno, alegando os seus motivos de suspeita, que, sem apaixonarem a opinião pública, já se mostram capazes de fornecer matéria para uma nova guerra do alicerim e da mangerona, com todo o ridículo inevitável de questões deste género.

Em que ficaremos? O salto de Papa Gallo será homologado ou não?

Uma coisa, porém, subsiste: Quando acima do justo equilíbrio do raciocínio se sobrepõem interesses mesquinhos, até a verdade sai mal ferida, deixando atrás de si um rasto de dúvida. Isso mesmo percebeu o saltador interessado, recusando-se a continuar em França e voltando à sua terra imediatamente.

Ovido por certo jornalista, sobre a discussão levantada em redor do seu feito, contentou-se em erguer os ombros com fleuma.

«Se não for agora, será para a próxima, e mais acima!» Boa lição de serenidade. Todavia, caso o recorde venha a ser homologado, sempre o campeão africano pensará nas dificuldades e exigências que lhe foram levantadas, julgando-as excessivas e raras. Toda a satisfação própria de tal empreendimento terá perdido o sabor agradável deixando um trazo amargo como recordação.

FINALMENTE, a Alemanha voltou ao seio da Federação Internacional de Automobilismo, conforme havia ficado assente no último congresso celebrado em Lisboa.

A assembleia geral do importante organismo que dirige o desporto mecânico motorizado, agora efectuada em Paris, ratificou a decisão do congresso pelo que a Alemanha voltará a ocupar o antigo lugar, podendo, igualmente, organizar o Grande Prémio Nacional, outrora levado a cabo no circuito de Nurburg Ring de tão simbólicas tradições.

O retorno do país teutónico merece justificado relevo. Já decorreram cinco anos sobre a conclusão do conflito bélico mundial e mal se compreendia a continuidade de um ostracismo, nocivo ao progresso do automobilismo, que nada justificava.

Estamos convencidos do breve regresso da Alemanha ao seio das outras federações, em particular as do futebol e do atletismo, onde a falta se tem feito sentir, pois o alto nível alcançado pela comunidade teutónica antes de 1939 era dos primeiros do Mundo.

RAFAEL BARRADAS



Uma ocasião difícil para o guarda-redes da equipa nacional finlandesa, durante o encontro disputado contra a Irlanda, que eliminou esse país decisivamente da Taça Jules Rimet!

Futebol

Apesar de todas as aparências, o popular desporto da bola redonda está atravessando uma quadra de estagnação no tocante a popularidade. Deve tratar-se de mal passageiro ou será o prenúncio da decadência? É muito difícil responder com segurança, tanto mais que o factor primordial pode ser a crise económica, cujos efeitos se fazem sentir em toda a parte.

Mesmo assim, o desafio entre a Inglaterra e o País de Gales foi presenciado por 60.000 pessoas. Os ingleses ganharam por 4-1 mas a qualidade do jogo decepcionou.

No Campeonato da Liga, o principal acontecimento consiste no rápido ressurgimento do popular Arsenal, cujos primeiros resultados careceram de brilho. Agora, ocupa o terceiro posto da classificação, acompanhado do Manchester United e do Burnley.

A dianteira pertence ao Wolverhampton, equipa sólida, tanto a jogar em casa como fora, cuja invencibilidade merece referência. Em segundo lugar vem Liverpool, com três pontos a menos.

Na II Divisão, o célebre clube Tottenham domina o lote, com 4 pontos de avanço. Se conservar, até ao fecho da temporada, esse lugar, ingressa na Divisão principal, elevando a cinco o número de clubes londrinos que nela figuram.

O West Ham United, também

resultados da semana, efectuou-se em Paris, no Palais des Sports, uma sessão cujos resultados mais notáveis foram os seguintes:

Ray Famechon, campeão europeu de semi-leves, ganhou com brilho a Jean Mongin; o espanhol Soldevilla perdeu ante Krawczyk, por inferioridade física, pois recebeu forte cabeçada no 6.º assalto; e, por último, o potente Luis Fernandez bateu o belga M. Verhamme por K-O ao 7.º assalto.

Em Barcelona, o campeão da Europa de «levisimos», Luis Romero, derrotou por pontos o pugilista italiano Falcinelli.

de Londres, emparelha com Sheffield United e Preston North End, na luta pela conquista do segundo posto, seguido de perto pelo Hull City, onde o veterano Horácio Carter — cuja forma é admirável — tem produzido magnífico trabalho.

Na Itália o Juventus, de Turim, continua invicto, ao cabo de seis jornadas. Torino e Pádua, este último vindo da 2.ª Divisão, ocupam os lugares seguintes.

Milão e o Internazionale, embora tenham dispendido fortes somas a recrutar jogadores, não corresponderam, ainda, às esperanças dos seus partidários, sendo de notar que Milão consegue vencer fora de casa e perde no domicílio.

Na Bélgica, Anderlecht ocupa o primeiro posto. Segue-se o F. C. Malines, com um ponto de diferença, e Berchem, rival perigoso daqueles.

Na Suíça produziu-se uma mudança assaz imprevisível. Os dois clubes deanteiros, Lausanne e Chiasso, cederam o primeiro lugar ao F. C. de Basileia.

Os clubes dos cantões italianos, Chiasso, Locarno, Lugano e Bellerzone, influenciados certamente pelo futebol da nação vizinha ocupam posições de relevo na classificação, facto um tanto original e só agora verificado.

Em Espanha, o Atlético de Bilbao, de famosas tradições, vai à frente. Corunha, contra as melhores previsões, segue-se-lhe, tendo à trela o Real Madrid e o Celta de Vigo.

A posição do F. C. Barcelona, ainda no ano passado o primeiro clube espanhol, é demasiado modesta para a sua classe e seus pergaminhos.

Por último, falemos dos franceses: Lille, que perdera com estrépite em face do R. C. Paris, venceu Cannes e mantém-se à frente do conjunto. Sochaux regressou derrotado da Sudestlavia e os restantes clubes verificam ainda as suas façanhas, disputando desafios amigáveis, ou repousam à espera das futuras jornadas.

Boxe

O campeão do Mundo, Ezzard Charles, encontrou adversário voluntarioso na pessoa do californiano Pat Valentino, a quem derrotou por K-O ao 8.º assalto. A luta empolgou o público, sobretudo no 4.º e 5.º períodos, quando o jogador local jogou os seus trunfos e dominou o titular.

Em Hollywood, o mexicano Júlio Jimenez perdeu por pontos contra Art Aragon. Ambos são pesos «leves» reputados.

Kid Gavilán e Beau Jack, dois negros da classe «semi-mé-

dios», bateram-se em Chicago ganhando o primeiro por pontos.

Na Arena de S. Nicolau, em Nova York, Tony Pellone dominou Bozo Constantino, durante 10 assaltos, e Dany Carabella fez outro tanto contra Lee Bohles, em Binghamton, em S.

O belga Cirilo Delannoit derrotou, em Bruxelas, o campeão de França Jean Stock, desmentindo os rumores que o diziam «toceado».

Chaplek Gabriel, campeão do Egito de «médios» derrotou o ex-campeão de Itália, Milandri, ao cabo de dez assaltos.

Finalmente, para concluir este breve resumo dos melhores



A' esquerda, no salão nobre da Câmara Municipal de Pombal, Tavares da Silva fala de «Casos vívidos no futebol português», recordando nomes e factos, em descrição muito apreciada pela assistência. — A' direita, um aspecto da assistência nos talões da C. M. de Pombal

EM POMBAL

TAVARES DA SILVA

falou de «Casos vívidos do futebol português»



Na sede do Sporting Clube de Pombal foi oferecido um «Vinho de Honra» aos convidados do club, por motivo das comemorações do seu 27.º aniversário

A convite do Sporting Clube de Pombal, o nosso chefe da Redacção, dr. Tavares da Silva, produziu em Pombal uma palestra desportiva sobre «Casos vívidos do futebol português».

O conhecido técnico teve uma afectuosa recepção na gare de Pombal, sendo aguardado por toda a direcção do Sporting local formada pelos srs. dr. Saul Pires Machado, dr. Rogério Cardoso, José Domingos da Costa, José de Almeida Santos Silva, José dos Santos Pereira, Afonso Nogueira e Silva, e João Rodrigues Lopes.

Após uma visita aos sítios pitorescos e monumentos de Pombal efectuou-se, no salão nobre do Município, sob a presidência do sr. Ernesto Domingos Tavares, ladeado pelos srs. dr. José Infante La Cerda, presidente da A. F. de Leiria, Mário de Sousa, presidente da assembleia geral do club, António Romão Almeida, dr. Saul Pires Machado e João Vargas, da comissão distrital de árbitros, a anunciada palestra, que atraiu à Câmara Municipal grande assistência. Falaram os srs. drs. Saul Pires Machado e Infante de La Cerda que produziram curiosas afirmações relativas ao desporto local, e trççaram, com elegância, a personalidade inconfundível, segundo afirmaram, do jornalista, técnico e conferente.

Tavares da Silva não fez propriamente um discurso, mas, falando com simplicidade, disse das oscilações a que estão sujeitos os grupos, conforme os seus resultados em campo, para entrar imediatamente no assunto da palestra. Pela visão dos assistentes perpassaram, como se fôra num écran, em notas impressionantes de grande poder descritivo e emocional, vários encontros entre Portugal e a Espanha, no confronto do futebol que então se jogava e hoje se pratica.

O nosso Chefe da Redacção referiu-se ainda à influência do temperamento e das qualidades rísticas dos portugueses, pondo-as em confronto com outros povos, para atingir a faceta emocional e sensitiva do jogador nacional.

Foi, sem dúvida, um momento agradável que os desportistas de Pombal tiveram, na recordação de vários desafios internacionais, nomes e factos que ainda hoje vivem na recordação de todos. Isso mesmo foi afirmado no «Vinho de Honra», na sede do Sporting Clube de Pombal, em que falaram os srs. dr. Saul Machado, dr. Infante La Cerda, João Vargas, António Romão de Almeida e o presidente da Câmara, Ernesto Tavares.

Homenagem a Barrosa

Federação Columbófila



Barrosa foi homenageado, e este rapaz, de bom trato, fino, cavalheiresco, e de fibra atlética, teve a oportunidade de verificar nesta homenagem promovida por um grupo de amigos como é apreciado e verdadeiramente estimado. Presidiu o dr. António Ribeiro Ferreira e a festa teve na essência carácter leonino. Barrosa, todo um jogador de ânimo e jó-ça, e todo um homem, teve a consagração que merecem as suas altas virtudes.



Realizou-se na última quinta-feira a eleição dos corpos gerentes da Federação Columbófila, sendo eleitos presidentes os srs. dr. Fernando Monteiro Lopes, coronel Oscar da Silva Mota, José Baptista Palo e eng. José Queiroz Vaz Guedes, todos de Lisboa, respectivamente, da assembleia geral, da Direcção, do Conselho Fiscal e do Conselho Técnico. A distribuição de prémios presidiu o sr. dr. Agala Bolo, que produziu um interessante discurso sobre esta modalidade.